

**Primeiros Escritos****Memórias e Gerações  
Um passeio virtual pela infância**

*Beatriz Poliakovas  
Gisele Dias  
Isabella Croccia  
Luana Suemi  
Marina Pereira*

**Introdução**

**O** sociólogo Karl Mannheim (1928) aponta para o fato de que as gerações não podem ser imediatamente delimitadas a partir de estruturas biológicas, nem como um grupo concreto tal como uma tribo, uma vez que não apresentam estrutura organizacional visível. O que se pode ver, no contexto atual é, no entanto, que o abismo entre gerações têm se tornando tão grande a ponto de quase podermos enxergar uma estrutura de organização. A troca intergeracional vem se tornando cada vez mais rarefeita e frágil, mostrando que é urgente a busca pela recriação, ou apenas criação, destas relações. É a partir desta

troca que se pode atenuar as barreiras que delimitam gerações, formando o abismo intergeracional contemporâneo.

Com os avanços científicos, tecnológicos e médicos, o envelhecimento tornou-se um fenômeno possível, sob a ótica biológica, e diante dessa possibilidade, faz-se necessária uma adaptação psicossociológica a esse cenário. É fundamental que se crie uma atmosfera de acolhimento de forma a permitir que os sujeitos velhos ocupem seus lugares como seres pensantes, dotados de capacidades intelectuais, criativas, cognitivas e emocionais. É importante que seja rompido o estigma de que o envelhecimento retira do indivíduo suas capacidades, colocando-o na posição de invalidez.

A mobilização para essa ressignificação de papéis sociais vem da própria população que vive o envelhecimento, e que se reflete em organizações nos Conselhos Municipais, Estaduais e no Conselho Nacional dos Direitos do Idoso, culminando em conquistas como o Estatuto do Idoso, criado em 2003. Esses ganhos, no entanto, não são suficientes para um bem estar pleno da população idosa, que espera um progresso ainda maior: em 2006, no Encontro Nacional de Idosos, organizado pelo SESC SP, as pessoas presentes consideraram o Estatuto de 2003 bem elaborado, porém ineficaz no cumprimento de suas propostas.

É necessário, nesse sentido, que as reivindicações continuem, buscando um avanço no que se refere à visão construída acerca do envelhecimento. A esse respeito afirma Debert (1998) que a velhice tem deixado cada vez mais de ser entendida como “fonte de miséria”, passando a ser vista como “fonte de recursos”.

É neste caminho que as relações intergeracionais devem ser ressignificadas e cuidadas. Nota-se um grande afastamento entre as gerações no que se refere às atividades por elas exercidas - estabeleceu-se que determinados lugares e afazeres são exclusivos aos jovens e outros podem ser delegados aos velhos.

Nesse contexto, criam-se poucas oportunidades e espaços que propiciem a troca entre gerações, segregação geracional que atua como barreira no que poderia funcionar como um valioso canal de trocas de experiências e saberes, beneficiando todas as gerações envolvidas.

Foi pensando na carência deste compartilhar que surgiu o projeto “Memória e Gerações: um passeio virtual pela infância”, com objetivo de resgatar, em dois participantes, a memória de um lugar, palco de momento especial de troca com seus pais. Buscou-se ainda mostrar como se encontra este cenário atualmente, através dos recursos tecnológicos disponíveis, dado o contexto da pandemia de COVID-19.

Nesse sentido, a experiência procurou tratar da escassez das trocas intergeracionais, de modo que (1) as narrativas dos participantes trouxessem vivências compartilhadas entre gerações distintas e (2) a própria experiência do projeto configurou-se como um espaço de troca intergeracional, entre os participantes e as pesquisadoras.

## **Método**

### **Participantes**

Os participantes desse trabalho foram escolhidos pensando da facilidade de contato via internet, dando prioridade para pessoas já consideradas idosas ou que estão na passagem da fase adulta para a idosa. Contamos com a participação de duas pessoas, P.P de 71 anos e C.K de 63 anos. Assim, ao entrevistá-los estaremos escolhendo uma amostra por conveniência - entramos em contato com eles justamente por conta de suas características: conseguir participar de uma entrevista via internet e ser considerada uma pessoa idosa. Os nomes dos participantes foram ocultados para preservar a identidade dos mesmos.

### **Situação**

O momento atual - Outubro de 2020 - apresenta dificuldades únicas, devido ao contexto pandêmico, no qual todo o mundo está inserido, somado a falta de expectativa quanto a uma possível normalização tornam-se pontos a serem ponderados na forma de realização deste trabalho.

Como consequência da pandemia do novo COVID-19 (Coronavírus), o isolamento social restringe ainda mais os meios possíveis tanto de coleta de dados quanto de outros estudos de campo. Do isolamento social, aderido como prevenção do contágio, emerge a necessidade de novos instrumentos e ferramentas a serem utilizados e uma instrução quanto ao seu uso. O movimento observado em todo o mundo é o uso das possibilidades que a internet oferece por meio dos seus canais de comunicação, e neste trabalho, como única opção, optamos por utilizar os recursos online mantendo assim o distanciamento sem um risco de contágio.

### **Material**

A forma escolhida para realizar as entrevistas foi por meio dos recursos que a internet nos disponibiliza e, assim, a entrevistas com os participantes foi por meio do Google Meets, com o auxílio do Google Street View, por meio de compartilhamento de tela e, para complementar a experiência da entrevista e o objetivo deste trabalho, houve a apresentação da música "Oração ao tempo" de Caetano Veloso como uma forma de aquecimento para a dinâmica.

### **Procedimento**

Em um primeiro momento, foi necessário entrar em contato com os participantes escolhidos, explicando como seria a entrevista e orientando os mesmos para que pensassem em um lugar no qual passaram por muitos eventos na infância, que conseqüentemente está atrelado a uma carga intensa de memórias e afetividade. A respectiva mensagem foi enviada para ambos os participantes:

*Olá, tudo bem? Como já conversamos, vamos fazer uma ligação por vídeo com o propósito de fazermos um trabalho sobre gerações e relações intergeracionais. Nossa proposta é realizar um passeio virtual em algum local público que marcou a sua infância com os seus*

*pais. Por isso, gostaríamos que você refletisse sobre um local que seja um espaço público que foi presente e importante na vivência da sua infância com seus pais e nos avisasse qual é esse lugar antes de iniciarmos a videochamada.*

Após este primeiro contato, foi decidido o local em que trabalharemos com o entrevistado, possibilitando um preparo antecipado para a entrevista, e também um combinado de dia e horário para o acontecimento da reunião.

Em um segundo momento - reunião com o sujeito – nos apresentamos; o objetivo do trabalho; e o que gostaríamos de observar com ele. Após essa apresentação foi disponibilizada ao participante a música “Oração ao tempo” de Caetano Veloso, que representa a importância da memória e das relações intergeracionais, e como elas vão mudando com o tempo. Assim, aos poucos um ambiente cada vez mais propício para a reflexão e compartilhamento das experiências e memórias foi criado.

Depois, seguimos a entrevista com algumas perguntas sobre o local previamente pensado pelo entrevistado. As perguntas foram: “Qual a sua primeira memória em relação a esse local? Quantos anos você tinha?”; “Qual sua última memória em relação a esse local?”; “Como você acha que esse local está atualmente? Você o visitou nos tempos atuais?”.

Depois dessa etapa, iniciamos o tour virtual do local citado pelo Google Street View, seguido por perguntas para entender como é para o entrevistado rever esse local nos dias atuais. As perguntas foram: “Como é rever esse local nos tempos atuais?”; “Esse local sofreu muitas mudanças comparado a antigamente?”; “Teve oportunidade de voltar depois?” e assim finalizamos as entrevistas com um pedido: contar uma história que marcou sua vida nesse local escolhido.

É importante enfatizar que durante todo o processo da entrevista, nos atentamos aos estados emocionais de cada participante, como reagiram as perguntas, aos locais no momento atual etc. para ter uma análise mais profunda de toda essa experiência.

## **Descrição e Análise de dados**

### ***Descrição***

A primeira participante (C. K.) escolheu o bairro “Primeira Aliança” em uma cidade do interior paulista para o passeio virtual. O local em maior evidência na atividade é a sua antiga residência na qual passou sua infância e parte da adolescência. C. K. além de descrever suas vivências na residência, compartilha lembranças sobre as participações na “undokai”<sup>1</sup>, sentimentos ao visitar a região nos dias atuais e a conquista do ônibus comunitário para as idas à escola.

#### ***Memórias da infância:***

“Eu morava em uma chácara, então toda memória que eu tenho dos meus 4, 5 anos de idade são todas nessa chácara. Então as brincadeiras eram todas lá, meu pai fez um escorregador pra gente, fez um balanço, uma gangorra, e ele que fez tudo. A

---

<sup>1</sup> Foi descrito pela participante como uma gincana cultural esportiva da região (habitada por colonos japoneses).

gente, quando tinha 8 anos não tínhamos bonecas, a gente que fazia”. “A minha boneca que eu fazia era com espiga de milho, fazia as bonequinhas assim e eu cresci nesse meio de criar brinquedos.”

*Undokai:*

“[...] é uma gincana cultural esportiva e ia todo mundo da vila, todo mundo participava e todo mundo ganhava prêmio, se você conseguiu realizar, se não conseguiu também ganhava. Lógico que o primeiro lugar ganhava um prêmio melhor, mas era prêmio assim: arroz, açúcar, feijão, canetinha, lápis, borracha. E esses prêmios eram todos doados pela comunidade. Tinha desde corrida no saco até corrida para responder pergunta”.

*Rever o local nos dias atuais:*

“Eu fui recentemente lá, minha última memória é que eu fui na casa em que eu morava, e mudou tudo, mudou tudo, até fiquei triste porque mudou tudo, mas né, o proprietário não sou eu mais né, nem meu pai, então mudou tudo. Mas eu fui lá, mas tem uma coisa que sobreviveu, que são dois pés de jabuticaba que ainda estão lá, e tem os pés de caqui lá na chácara, e acho que sobreviveu uns três pés de caqui, um pé velho, grandão alto, não dá nem pra apanhar os caquis, mas estavam lá”.

*Conquista do ônibus comunitário:*

“Ah e tem uma outra memória que é bem legal também, eu saía da primeira aliança pra fazer o ensino médio [...] a gente ia de pau de arara porque não tinha ensino médio na vila, e a gente tinha que ir até a cidade. A cidade ficava uns 20 km da vila, e não tinha ônibus não tinha nada pra levar a gente, e aí a gente fez um movimento, porque a gente tinha que subir na carreta do caminhão pra ir pro colégio. Aí a gente foi até a prefeitura pedir para eles cederem um ônibus. Nós conversamos com nossos pais e a gente foi conversar na prefeitura. Aí a prefeitura deu o ônibus e o motorista, e os alunos colocavam o combustível e fazia a manutenção do ônibus, foi esse o acordo”.

O segundo participante (P. P.) escolheu uma antiga “praça” com um relógio de uma cidade da grande São Paulo, chamada Poá, onde passou a maior parte de sua infância e adolescência. P. P. descreveu suas lembranças com relação a essa praça, e ainda citou todos os lugares marcantes para ele por toda a cidade.

*Memórias da infância:*

“Então... A minha primeira memória é assim... Eu fui pra Poá, com 4 anos de idade, e a minha primeira memória é assim, ó... Nós pegamos uma casa, minha mãe alugou uma casa, e a primeira chuva [...] houve uma enchente, e todo mundo subiu em cima da cama e em cima da mesa! (risadas) A casa era na beira de um rio, essa é a primeira memória minha de infância, realmente! Essa foi a que mais... Não dá, não dá nem pra esquecer, na verdade, né... Porque hoje não mudou nada ainda, na verdade, tá bom? Essa é a primeira memória minha!”

*Sobre as memórias no relógio:*

“Então [...] o relógio já foi mais assim pra adolescência, aquele negócio todo. Adolescente já é um negócio mais [...] Mais sério, né? Você vai pra lá, vai pra cá, um pouquinho de passeio, vai pra cinema, vai para os parquinhos da vida, porque antigamente tinha muito parquinho, né? Então a gente ia pra parquinho, e lá no centro

de Poá, a gente tinha esse relógio. Quando a gente saía do parquinho, muitos se encontravam naquela Praça do Expedicionário, né [...] que é a praça onde existe esse relógio [...] Então essa praça [...] depois do parquinho, você ia pro relógio, ficava na praça, comendo pipoca, e ficava namorando um pouco... (risadas) era muito legal! Era muito sadio, era muito sadio, era bem legal! Tá bom? Essa é a lembrança forte que a gente tinha!”

#### *Rever o local nos dias atuais:*

“A gente se emociona bastante [...] porque aí é onde a gente viveu, né [...] A gente viveu praticamente aí, e a história da gente é muito grande aí [...] A casa onde eu morava, já não existe mais, já foi demolida, né. Era perto daí, e já não existe mais pela modernidade, então, já derrubaram, já fizeram novas casas [...]”

“Mudou bastante, mudou bastante [...] eu tenho minhas irmãs em Poá ainda [...] uma vez por mês a gente vai na casa delas [...] todo mês a gente vai pra lá. Mas Poá mudou bastante, na verdade, aquilo lá antigamente era tudo rua asfaltada [de paralelepípedos], você tinha os cavalos, as charretes que andavam, hoje não, hoje você tem ponto de ônibus, tudo asfaltado [...] o relógio permanece lá ainda (risadas), o relógio permanece, a praça permanece, e o soldadinho na praça também permanece lá! Então, e tudo mudou, mudou bastante, hoje você tem banco, antigamente era feira e empórios, hoje já não, você tem supermercados, tem farmácias, né [você tem] você tem um monte de coisa, tudo!”

#### *Sobre sair de Poá*

Eu fiquei lá até 71 [eu casei, né] e saímos de Poá, com o coração na mão (risadas) aí a vovó falava, “essa era a única joia que tinha de Poá [...] porque Poá é chamada “a cidade jóia”, né, então ela falava que a única jóia que tinha lá ela tirou (risadas) mas a gente tá voltando. É muito gratificante ver Poá, e é muito gratificante a gente falar sobre Poá.”

### **Análise de dados**

No Brasil, segundo o Estatuto do Idoso (Lei no 10.741 de 2003), uma pessoa passa a ser reconhecida como idosa quando alcança 60 anos de idade (BRASIL, 2003). Diversas estatísticas populacionais observam uma tendência de aumento da população idosa em países desenvolvidos e em desenvolvimento. Em 2060, segundo projeção do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018) haverá mais de 70 milhões de pessoas com mais de 60 anos no Brasil. Em geral, o aumento da expectativa de vida em si é reflexo do avanço da medicina, do maior acesso às políticas de saúde, habitações adequadas etc. (SALGADO *et.al.*, 2017).

Ante a esse fenômeno, não é difícil refletir sobre a importância dos estudos e práticas de atividades intergeracionais. Em 1900 a expectativa de vida média era de 45 anos, em 2000, 80 anos, e cabe pontuar que esse aumento provocou mudanças sociais importantes (BALTES; SMITHS, 2004).

Hoje em dia, é comum que netos, bisnetos e até trinotos, consigam conhecer pessoalmente os familiares, e pessoas no geral, com maiores diferenças de idade cronológica, fazendo que amplie as possibilidades de um convívio intergeracional

desde o nascimento, e apesar da sua importância, nas relações humanas, essa temática é pouco estudada (BORELLA, 2019).

Ao longo da história, as gerações mais velhas ensinavam as mais novas, como também aprendiam com elas, e é assim que se transmitem: valores, memórias e técnicas, etc. (BORELLA, 2019). Entretanto, nos últimos tempos aumentou o distanciamento entre as gerações com exceção do ambiente familiar (FERRIGNO, 2009).

É sabido que cada geração testemunhou períodos históricos distintos, como também variáveis sociais presentes como: classe social, raça, gênero e outras, apresentando, assim, uma diversidade de repertórios e valores uma em relação a outra. Essa diversidade, presente em cada geração, permite uma vivência entre gerações com experiências de vidas mais ricas, plurais e possibilidades de trocas, mas cabe destacar que diante de tantas diferenças, é esperado que ocorram os conflitos geracionais. Um dos exemplos mais emblemáticos no Ocidente sobre as relações interpessoais e suas repercussões ocorreu nos anos 60 quando movimentos da emancipação jovem deixou transparecer a existência de conflitos com os mais velhos diante de um autoritarismo imposto (FERRIGNO, 2009).

Os conflitos intergeracionais não são, automaticamente, fenômenos negativos, é até esperado sua presença em contextos quando há diferenças mais acentuadas presentes. Segundo Ferrigno (2009), o conflito tem potencial para ser um elemento pedagógico e transformador, porém, para isso que ocorra, é necessário que o mesmo seja trabalhado. Contudo, é de suma importância um entendimento sobre uma tolerância às diferenças sincera, como apresentada por Bosi (1979 apud Ferrigno, 2009) - por diversas razões, algumas pessoas decidem em nome de uma 'tolerância' evitar o conflito e o confronto de opiniões, entretanto essa posição pode restringir as possibilidades de desenvolvimento, empobrecendo as relações humanas e, por isso, a tolerância não deve ser sinônimo para 'abdicação de diálogo'.

Apesar de todo o potencial de transformação e aprendizagem que as relações intergeracionais proporcionam para o velho e ao novo, não é muito comum a sua ocorrência, como também não é comum espaços que possibilitem essas trocas geracionais (BORELLA, 2019). Segundo o mesmo autor, essa troca entre os mais velhos com as gerações mais novas, possibilita uma socialização do velho, que é marginalizado, e também produz um potencial enriquecedor para os jovens a pensarem sobre a velhice. O compartilhamento e troca de experiências e memórias fortalece a sociedade, pois há trocas e vivências com sujeitos dotados de uma historicidade consigo e com os coletivos (BORELLA, 2019).

As atividades realizadas proporcionaram a recordação de histórias únicas, de cada sujeito histórico presente, e houve trocas de diálogos nos momentos de narração de suas memórias. Segundo Saraiva (2020), os diálogos se constituem como encontro dos sujeitos ali presentes, e não é uma mera troca de informações. As autoras não só ouviram informações da infância e juventude de duas pessoas, presenciaram o despertar da memória, o afeto envolvido, a história dos participantes.

No trabalho de Saraiva (2020) – sobre o projeto intergeracional “Sacudindo Memória”- com participação de idosos e estudantes universitários, a autora explica ser um

processo educativo que envolve criatividade, expressividade humana, valorização da vivência e também de aprendizagem entre gerações diferentes.

Na atividade proposta pelas autoras “Memórias e Gerações - Um passeio virtual pela infância” foi perceptível o envolvimento real no discurso dos participantes como podemos observar na fala de C. K. - “E as pessoas que eu lembro, que eu conhecia, os amigos dos meus pais, foram morrendo, e aí eu não conheço mais ninguém de lá, então é uma coisa que é de memória mesmo, ficou na memória”.

Aqui foi possível entrar em contato com a história e afetividade presente na memória de C.K. e não uma mera troca de informações descritas como em um manual de instruções. Já na fala de P. P. fica ainda mais explícito o envolvimento emocional do participante presente na realização da atividade: “É muito gratificante ver Poá, é muito gratificante a gente falar sobre Poá”.

Através dessa dinâmica foi possível proporcionar trocas, espaços para trabalhar a criatividade, o resgate na memória e a espontaneidade humana para um genuíno envolvimento e realização. A conversa sobre infância e juventude do idoso com outras gerações além de favorecer a socialização, cria um espaço lúdico e criativo, permite aprendizagens mútuas e aproximação sincera para reflexões e diálogos.

## Conclusão

Os significativos relatos dos participantes a partir das perguntas e do passeio virtual sugerem a importância do resgate da memória, assim como do diálogo e da troca intergeracional, visto que no contexto atual existe uma ‘segregação’ ocasionada pela diferença que existe entre as gerações. Considerando que as estatísticas populacionais mostram uma tendência de aumento da população idosa em países desenvolvidos e em desenvolvimento, é relevante ressignificar e incentivar as relações intergeracionais, de forma a criar um canal valioso de trocas de experiência, o que beneficia todas as gerações, trazendo mais conhecimento e reflexão aos jovens, e possibilitando uma maior socialização do velho, retirando da velhice o estigma marginalização e de incapacidade.

Na atividade proposta, a tecnologia foi crucial para tornar o relato e as memórias mais concretas, tendo em vista que foi possível fazer um tour pelos lugares escolhidos e, ao mesmo tempo, os participantes contavam histórias e traziam memórias destes locais. Essa dinâmica possibilitou um diálogo entre as autoras e os participantes, o que trouxe benefícios para ambos, pois puderam entrar em contato com uma nova história, presenciando o afeto ligado a memória, e para aqueles que puderam lembrar, se emocionar e compartilhar vivências com as quais, há tempos, não entravam em contato.

## Referências

BALTES, P. B.; SMITH, J. Lifespan Psychology: From Developmental Contextualism to Developmental Biocultural Co-constructivism. *Research in Human Development*, [s. l.], v. 1, n. 3, p. 123–144, 2004. DOI 10.1207/s15427617rhd0103\_1. Disponível em:

<http://search-ebSCOhost-com.ez95.periodicos.capes.gov.br/login.aspx?direct=true&db=sih&AN=13377883&lang=pt-br&site=ehost-live> >

BORELLO, J. F.; Um estudo sobre memória e consciência política em diálogos intergeracionais. 2009. Tese (*Doutorado em Psicologia Social*) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

BRASIL, Lei n. 10.741, 2003. *Estatuto do Idoso*. Brasília, DF, 2003.

FERRIGNO, J.C. *O conflito de gerações: atividades culturais e de lazer como estratégia de superação com vistas à construção de uma cultura intergeracional solidária*. 2010. Tese (*Doutorado em Psicologia Social*) - Instituto de Psicologia, University of São Paulo, São Paulo, 2010.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Projeções da população*. 2018. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html?=&t=downloads>>.

SALGADO, A. G. A. T. *et. al.* Velhice LGBT: uma análise das representações sociais entre idosos brasileiros. *Ciencias Psicológicas*, v. 11, n. 2, p. 155-163, 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1688-42212017000200155&lng=pt&nrm=isso](http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-42212017000200155&lng=pt&nrm=isso)>

SARAIVA, K. M. P. Tempos de tessituras intergeracionais: uma reflexão sobre o projeto de extensão "Sacudindo a Memória". 2020. Tese (*Doutorado em Psicologia*) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

WELLER, W. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. *Soc. estado*. Brasília, v. 25, n. 2, p. 205-224, Ago. 2010. <https://www.scielo.br/pdf/se/v25n2/04.pdf>

*Data de recebimento: 22/11/2020; Data de aceite: 20/02/2021*

---

**Beatriz Poliakovas, Gisele Dias, Isabella Croccia, Luana Suemi e Marina Pereira.** Alunas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, curso de Psicologia, eletiva Relações Intergeracionais mediadas pela Tecnologia, que teve como docente a profa. Beltrina Côrte, no segundo semestre de 2020, durante a pandemia. E-mail: [luana.suemi@gmail.com](mailto:luana.suemi@gmail.com)